



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

HEL MOTHER: CONTRIBUIÇÕES DO YOUTUBE A NOVAS CORRENTES DO IMAGINÁRIO DA MATERNIDADE

HEL MOTHER: YOUTUBE'S CONTRIBUTIONS TO NEW STRINGS OF THE IMAGINARY OF MOTHERHOOD

Raquel Schneider¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo inicial sobre as contribuições do canal do Youtube Hel Mother no sentido de divulgar uma visão menos romântica sobre a vivência da maternidade. Através de uma breve explanação acerca de representações da maternidade, abordamos os conceitos de imaginário e suas tecnologias para refletir sobre novas perspectivas que surgem a partir do uso de ferramentas como as mídias sociais digitais e, mais especificamente, do objeto em questão.

Palavras-chave: maternidade. Imaginário. Youtube. Hel Mother.

Abstract: This article presents an initial study on the contributions of the Hel Mother Channel, on Youtube, in the sense of spreading a less romantic view on motherhood. Through some brief explanations on motherhood representations, we approach the concepts of Imaginary and its technologies in order to reflect about the new perspectives that emerge with social media and, more specifically, on the presented object.

Keywords: motherhood. Imaginary. Youtube. Hel Mother.

Com a célebre frase "ninguém nasce mulher: torna-se mulher", Simone de Beauvoir (1970) firmou-se como um dos principais nomes do feminismo

¹ Jornalista graduada pela UFRGS e mestranda em Comunicação Social na PUCRS, na linha de pesquisa de Cultura e tecnologias das imagens e dos imaginários; raquelschneider@gmail.com.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

contemporâneo, sintetizando a ideia de que a feminilidade é muito mais uma construção social do que um determinismo biológico. Entre os pontos centrais desta construção da imagem feminina na sociedade está a maternidade. Marcado por muitas transformações, o papel das mães em nossos dias ainda é permeado por conceitos como o “instintivo” amor maternal, os ideais de amor romântico e a dedicação à família e ao lar, mas também passa a ser representado pelos novos arranjos familiares, pela busca por realização pessoal e profissional e pelas noções diferenciadas de parentalidade.

No amplo espectro de representações sobre o tema nos mais variados suportes, há perspectivas que despontam no sentido de contrariar a visão predominantemente romântica da maternidade, especialmente nas mídias sociais, como canais do Youtube. Partindo do pressuposto de que a midiatização é um conceito que capta a relação existente entre as mudanças da mídia, comunicação, cultura e sociedade, pensamos que iniciativas como o canal Hel Mother, do Youtube, assim como outras propostas semelhantes em outras mídias, podem ser exemplos que auxiliam na compreensão de como se moldam novos padrões de interação e representações sobre o tema em questão.

Refutar o determinismo biológico que reservava às mulheres o destino de serem mães foi um dos elementos principais das lutas feministas. Principalmente a partir da década de 1960, a maternidade passou a ser compreendida como uma construção social, que restringia o lugar das mulheres ao espaço doméstico e, desta forma, promovia a opressão do sexo masculino sobre o feminino, já que distanciava as mulheres do espaço público. A falsa realização da mulher confinada ao lar foi abordada por Betty Friedan (1971) na obra “A mística feminina”, em que a autora defende a busca pela identidade individual da mulher e que ter marido e filhos não representava (necessariamente) a realização feminina.

Sendo embora a maternidade uma condição sagrada através dos tempos, defini-la como uma forma de vida total não será negar à mulher o resto do mundo e o futuro que diante dela se estende? Ou esta negação é que obriga a considerar completa a maternidade?



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Desaparece a fronteira entre a mística e a realidade; a mulher na vida real encarna a cisão da imagem. (p. 53)

Já a existência do “instinto materno” é colocada em xeque por Elisabeth Badinter (1985). Em sua obra “Um amor conquistado – o mito do amor materno”, a autora faz um histórico das representações e dos papéis sociais da mulher, do homem e da infância desde o século XVII. Na obra, evidencia-se como o sentimento do amor materno tal qual o conhecemos é relativamente recente, de meados do último terço do século XVIII. Apenas a partir daí o amor materno passa a ser exaltado como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade. Com a investigação, a autora conclui que a noção de instinto materno é um mito.

Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. (p. 367)

Pode-se afirmar que, em nossas sociedades ocidentais, a maternidade nunca foi tão democrática - firmou-se como uma decisão a ser tomada por cada indivíduo. Contudo, esta escolha passou a constituir o maior dilema da mulher contemporânea, conforme aponta Badinter (2011): “O individualismo e a busca pela plenitude pessoal predispõem as futuras mães a se fazerem perguntas que elas não se faziam no passado” e a maternidade deixou de ser algo que tem a ver necessariamente com o “instinto” ou com o “desejo universal” para ser uma “escolha” da mulher. Por sua vez, “optar por ser mãe não garante (...) uma melhor maternidade” e, diante de uma civilização dominada pelo princípio do “primeiro, o meu”, “a maternidade é um desafio ou mesmo uma contradição”, pois a mulher que se dispõe a por uma criança no mundo passa imediatamente da posição de “eu quero tudo” para a de que “eu lhe devo tudo” (Badinter, 2011, p.18 -25).



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

A despeito dos avanços na discussão do tema e das inúmeras mudanças ocorridas na situação social das mulheres, a realização da maternidade ainda compromete o sexo feminino. Lipovetsky descreve o atual momento como o da terceira mulher, uma “autocriação feminina” das democracias ocidentais, caracterizada pelo acesso das mulheres à inteira disposição de si em todas as esferas da existência (LIPOVETSKY, 2000). Contudo, mesmo com as atuais rediscussões dos papéis familiares, as mulheres seguem sobrecarregadas na esfera doméstica - e, em especial, com os filhos. O autor afirma que:

Sem dúvida, a nova cultura individualista tende a reduzir as disjunções radicais dos papéis sexuais: de um lado realça a importância da vida privada no homem; do outro, incita ao investimento feminino na vida profissional. Mas essa dinâmica não institui a homogeneização dos papéis dos dois sexos: o pólo doméstico continua a ser uma prioridade mais marcada no feminino que no masculino. (p. 243)

Lipovetsky observa, portanto, que, no cenário contemporâneo, os papéis tradicionais da mulher combinam-se e coexistem com novas configurações sociais.

Estes diferentes sentidos e percepções acerca do fenômeno da maternidade se cristalizam em diversas produções culturais e da mídia, com a predominância de determinados modelos ao longo da história. Por percebemos os meios de comunicação como espaço de diálogo social e, portanto, ambiente de circulação de representações sociais, acreditamos ser profícua a análise de seu conteúdo como modo de acessar algumas das significações que se impõem, em especial, a partir da realidade da rede mundial de computadores. Acreditamos que a realidade proporcionada pela internet, com suas múltiplas possibilidades de consumo e produção de conteúdo pelos cidadãos, determine transformações importantes, visto que a formação do sujeito é sempre influenciada pelas mudanças do contexto social e que o próprio sujeito é também protagonista dessas mudanças.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

1. Internet: novos cenários

Através do desenvolvimento da internet, a proximidade ganhou novos sentidos, muito além do geográfico: passamos a formar uma aldeia global, em que podemos pertencer a uma mesma tribo de pessoas que nunca encontramos fisicamente, por exemplo. Na perspectiva pós-modernista de Maffesoli (1998), os indivíduos interagem em grupos, em um movimento de “declínio do individualismo”. Há uma mudança de paradigma para uma perspectiva relacionista, em que o social (indivíduo com uma função na sociedade) dá lugar à socialidade (pessoa representa papéis no *theatrum mundi*, tanto profissionalmente, quanto nas tribos que integra). Nestas tribos, a aparência (estética / sentimento), a “abertura para os outros, o outro”, é importante como vetor de agregação, como cimento social.

As tecnologias da informação e comunicação possibilitaram novos contornos para as interações humanas, conectando atores e segmentos sociais de todas as partes em relações que ultrapassam as referências materiais clássicas e ganham dimensões simbólicas fomentadas tanto pelas interfaces entre o homem e o computador quanto pelas trocas virtuais entre as culturas geradoras de diferentes perspectivas, desejos e valores. O ciberespaço passa a compor um importante território da esfera social, a agora eletrônica contemporânea (CASTELLS, 2003), que possibilita dar visibilidade aos fatos da vida privada, tratar fatos e fenômenos da esfera pública e redimensionar a esfera social.

A internet, portanto, firma-se como espaço em que fluem nossas vidas, relacionamentos, memórias, fantasias e desejos (Jenkins, 2009). No cenário que hoje se apresenta, aqueles que, até então, eram apenas receptores de informação, agora podem atuar também como participantes na produção de conteúdos. Segundo Jenkins, o progressivo contato e colaboração entre as instituições tradicionais de mídia e as emergentes, bem como a participação, cada vez mais intensa, dos usuários de mídia produzindo e circulando informações, proporciona um fluxo de conteúdo pelas múltiplas plataformas e redes,



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

configurando uma “cultura da convergência”. A partir de fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático, construímos nossa mitologia pessoal e percepções acerca de nosso cotidiano. "A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros." (Jenkins, 2009).

Esta apropriação de recursos tecnológicos e midiáticos pelo cidadão evidencia-se com as produções amadoras de vídeos no Youtube por parte dos *vloggers* - indivíduos que produzem e compartilham material audiovisual com opiniões e relatos íntimos, em um tipo especial de blog pessoal. Desde os primórdios da plataforma, o conteúdo gerado por usuário, a chamada “cultura do quarto” (Burgess e Green, 2009), é central no desenvolvimento da mesma.

A criação e compartilhamentos de vídeos postados na internet ganham importância acentuada na construção social da realidade, da inteligência coletiva e do estabelecimento de laços sociais entre indivíduos pertencentes a tribos temáticas e comunidades virtuais. Neste contexto, evidencia-se a relevância da análise de conteúdo dos vídeos online.

2. O canal Hel Mother

O compartilhamento de experiências próprias através de vídeos é uma prática que ganha força principalmente entre as mulheres (Lange, 2007). Em estudo sobre a atuação feminina em *vlogs*, Lange ressalta que a posição vulnerável de compartilhar momentos íntimos pode aumentar o discurso público em torno de temas anteriormente desconfortáveis ou constrangedores, não abordados por outras mídias. Além disso, a autora nota que compartilhar da intimidade para conversar com o público cria reações que estimulam a reconsideração, tanto do próprio *vlogger* como de sua audiência, a respeito de ideias sobre ação social e valores.

A experiência da maternidade, em si, é tema profícuo para a produção de conteúdo na Internet. Há uma expressiva quantidade de material dedicado ao assunto no Youtube, em especial a partir da perspectiva do depoimento pessoal.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Uma busca por canais sobre maternidade na referida plataforma resulta em aproximadamente 3.430 resultados (dados de 29/03/2018). Deste total, foi realizada avaliação inicial dos primeiros 50 resultados a partir do filtro “relevância”. O estudo revelou três perfis de canal: produções feitas a partir da perspectiva de mães; outras, feitas por pais e mães juntos (casais que falam sobre a vida em família) e um terceiro viés, de mães adolescentes, que falam especificamente sobre esta temática. Dos três perfis, analisa-se neste estudo aquele com depoimentos feitos exclusivamente por mães não-adolescentes, que representa a maioria das propostas (39 dos 50 canais avaliados).

Entre os dez canais com maior número de visualizações e seguidores do universo recortado, destaca-se o de Flavia Calina, no ar desde 10 de maio de 2007, que conta com mais de cinco milhões de inscritos (dados de 29/03/2018). Em sua descrição, o projeto assim se apresenta: “Meu nome é Flavia Calina e sou professora, uma eterna professora. Em meu canal tento ensinar tudo o que já aprendi na escola, na vida e no Youtube ;) Aqui você vai encontrar vídeos de maternidade, saúde, beleza e dia-a-dia de uma família que mora nos Estados Unidos.”

Trata-se do canal que está há mais tempo no ar e é também o de maior audiência dentre os avaliados. Os vídeos trazem relatos em primeira pessoa de Flavia, que apresenta seu cotidiano em família, compartilha momentos vividos e ideias sobre a criação dos filhos. O estilo de produção é seguido pelos demais canais estudados, com a abordagem do “cotidiano da maternidade”, com “dicas” e relatos pessoais eminentemente voltados a uma visão mais “tradicional” da maternidade, à exceção de um: o canal Hel Mother.

O canal Hel Mother, no Youtube, foi criado pela cineasta, roteirista e mãe, Helen Ramos. Em sua apresentação, o canal assim se define: “maternidade sem caô”. Desde a sua criação, em maio de 2016, o canal conta com mais de 148 mil inscritos (pessoas que acompanham as publicações) e superou quatro milhões de visualizações (dados de 20 de maio de 2018). Os vídeos são produzidos e veiculados semanalmente e têm como proposta abordar a



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

“verdadeira realidade e dificuldades de ser mãe” (CORREIO BRAZILIENSE, 2016), conforme explicitado em uma das reportagens sobre o projeto. As postagens têm duração média de 10 minutos, mas variam conforme o conteúdo abordado e, em alguns casos, contam com a participação de convidados especiais. Entre os vídeos de maior acesso no canal (com mais de 200 mil visualizações) está um intitulado "Expectativa X Realidade", que trata sobre como Helen pensou que seria a maternidade e, depois, como esta, de fato, se mostrou para ela. Também figuram como destaques “a gravidez de Hel Mother”; “por quê desromantizar a maternidade” e o “papai é pai”.

Em relatos autobiográficos, gravados com Helen em primeiro plano, os vídeos abordam assuntos como amizades e maternidade, mães solo (termo que seria mais adequado para definir o que normalmente se entende por "mãe solteira", por exemplo), machismo na maternidade, depressão pós-parto, criação não-racista, entre outros. Há que se destacar que, mesmo os vídeos que apresentam fatos mais ligados ao cotidiano das mães (como um que fala sobre dar banho nos primeiros três meses do bebê, por exemplo), contam com observações críticas e de cunho feminista - ainda que sempre de forma muito leve, através de humor, com a presença de ironias e sarcasmo. Conforme explicitado por Helen em reportagem da Revista Trip, o canal veio por incentivo de amigas Carla Ribeiro, Mariana Lerroy e Mariana Betoni, que também atuam na produção dos vídeos. "Colocaram essa pilha em mim. Eu falava muito das dificuldades que tinha, mas elas sempre acabavam rindo". (REVISTA TRIP, 2016).

Embora ainda esteja distante da audiência do canal de Flavia Calina, por exemplo, em um curto espaço de tempo, o canal Hel Mother conquistou destaque expressivo tanto em relação ao número de seguidores e visualizações (ultrapassando outros há mais tempo no ar) como através da notoriedade na mídia convencional, figurando como tema de reportagens a respeito e Helen, em função do canal, foi eleita uma das 30 pessoas mais influentes do meio digital em 2016, segundo o Youpix, considerado o mais relevante hub de conhecimento



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

e conexões da indústria de comunicação e entretenimento digital (SABARENSE, 2016).

Além disso, um levantamento realizado a partir da ferramenta de busca Google Notícias apontou mais de 70 reportagens com Hel Mother desde a criação do canal até maio de 2018 (dois anos de existência, portanto). Uma análise mais detalhada revela que existe presença constante do canal - de e sua protagonista - nos veículos da grande mídia: somente no mês de fevereiro de 2017 não foi localizada nenhuma reportagem sobre Hel Mother; em todos os outros meses, desde maio de 2016, há matérias (na maioria dos casos, mais de uma) em que o canal é citado.

Ressalta-se que a ferramenta de busca utilizada para os dados pesquisados é limitada e, possivelmente, há muitas outras ocorrências não mapeadas, especialmente de rádios e veículos impressos que não contam com versões digitais. Contudo, acreditamos que a amostra coletada já exemplifica de forma satisfatória a conquista de espaços de destaque conquistados pelo canal (e seu discurso) externos à plataforma do Youtube.

3. Maternidade e imaginário

A partir do momento em que um canal com um discurso destoante passa a receber destaque diante de uma infinidade de outras produções sobre o mesmo tema – encontra, portanto, eco na esfera social -, pode-se imaginar que preencha um espaço até então não ocupado e, talvez, represente uma nova perspectiva em curso sobre a representação da maternidade na sociedade contemporânea.

Como experiência humana que é permeada de sentidos – biológico, social, emocional, psicológico, cultural, entre outros – a maternidade trata-se de um tema complexo e que, embora seja uma vivência pela qual muitas pessoas passam, sempre é carregada de subjetividade, pois é única. Estas características reforçam a necessidade de um olhar diferenciado sobre a questão – razão pela qual nos parece ser adequado abordar as noções de imaginário como forma de apreender “aquilo que escapa”, conforme define Silva (2017):



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Uma filosofia do imaginário deve ceder algum espaço para a especulação. Na época dos relatórios e das ciências triunfantes, a especulação fala de outro universo, o incontornável universo das questões que não se deixam capturar pelas abordagens positivas ou pela objetividade relativizada (p. 119)

Em constante transformação, o imaginário é composto pelo que se acumula e dele se apreende, mas também está em constante construção e tem seu papel em nossas motivações— ou, como define Silva (2017), é reservatório e motor. “Como reservatório, acumula as experiências, sensações e imagens que, como motor, impulsionam as ações mais significativas de cada um”.

Com o entendimento de que grande parte das relações sociais contemporâneas é consequência de um imaginário social, que influencia e é influenciado por tecnologias como a Internet, podemos afirmar que esta, assim como as mídias sociais que a integram, estabelece sua relação de influência com as formas do comportamento da sociedade atual. Como descreve Silva (2012),

Os canais (de televisão), os provedores (de Internet), os fluxos comunicacionais, as redes (informativas e de contato) e as correntes (de significados) são os afluentes das bacias semânticas. Nos imaginários, tudo é movimento e correnteza” (p.77)

Desta forma, o imaginário sobre a maternidade envolve questões permeadas pelas esferas da cultura e sociedade bem como as vivências pessoais de cada mãe – e ele existe mesmo para quem não exerce a maternidade. Múltiplos conceitos e imagens coexistem – dos mais tradicionais aos mais recentes.

As diferentes visões acerca da maternidade em nossos dias, em um misto de avanços e retrocessos, podem ser interpretadas como correntes dentro do conceito de bacia semântica de Durand (1998), tal como o “conjunto homogêneo de representações que manifestam o imaginário sociocultural de uma época”, visto que oferecem impressões acerca da paisagem cultural de nossa atualidade.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Esta definição busca evidenciar como o imaginário vigente de um momento histórico é, aos poucos, substituído por outro, como uma bacia formada por diferentes afluentes. Este fluxo constante é influenciado, entre outras formas, através de tecnologias como livros, cinema, rádio, televisão, jornal, publicidade e internet, por exemplo, como destaca Michel Maffesoli:

Não é por acaso que o termo imaginário encontra tanta repercussão neste momento histórico de intenso desenvolvimento tecnológico, ainda mais nas tecnologias de comunicação, pois o imaginário, enquanto comunhão, é sempre comunicação. Internet é uma tecnologia da interatividade que alimenta e é alimentada por imaginários. (SILVA, 2001, p. 80).

A formação de um grupo de pessoas inscritas e que assistem, seguem e comentam o canal pode ser interpretada como uma tribo e, a partir da perspectiva de Maffesoli a respeito das tribos contemporâneas, observamos que, embora a conexão entre os grupos seja motivada inicialmente pelo sentimento de pertença e, de certa forma, pela busca de apoio por quem se encontra em situações semelhantes, há um potencial para que estes movimentos estimulem discussões e reflexões que podem amplificar seu efeito e proporcionar mudanças mais amplas.

O que acabamos de dizer para os movimentos organizados em questão é ainda mais verdadeiro no que concerne à multiplicidade dos grupos fragmentários cujo único objetivo é se manter aquecidos. E parece que tal objetivo não deixa de, gradualmente, repercutir sobre o conjunto social. (MAFFESOLI, 2010, p. 139)

Observa-se, ainda, que o referido canal ampara-se na narrativa autobiográfica, no relato da experiência pessoal, mas busca aliar a isto ativismo social a partir dos questionamentos que propõe. Conforme observa Lange (2007), o compartilhamento de intimidades é transformador pelas discussões que instiga, pelas respostas que são geradas e por evidenciar que tais concepções podem ser significativas para outras pessoas. A partir desta perspectiva, a autora percebe que, de formas diversas, há um esforço de muitas mulheres em aumentar a conscientização e promover mudança social através da internet. Considerando



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

que as manifestações nas mídias sociais representam modificações em curso na própria sociedade e a produção de novos sentidos na mesma, pretendemos refletir sobre a forma como o canal Hel Mother pode, também, representar novos comportamentos sociais relacionados ao tema da maternidade contemporânea.

4. Metodologia

Propomos o desenvolvimento de um estudo mais amplo acerca do tema através de um aporte metodológico híbrido, composto por pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e cuja perspectiva se ampara, essencialmente, nos estudos da Sociologia Compreensiva.

Segundo Maffesoli (2010), a sociologia compreensiva é um “método compreensivo”, que trabalha com questões voltadas à socialidade, imaginário e cotidiano e procura entender o objeto através de uma visão interna, como ser participante da realidade que se pretende pesquisar. Segundo esta perspectiva, “somos parte integrante (e interessada) daquilo que desejamos falar”. Maffesoli (2010, p. 29) argumenta que há vários “‘tipos’ de conhecimento”, sendo que a sociologia compreensiva busca o conhecimento “através de uma visão interna.”. O autor também aponta que não exista uma única realidade, mas sim, “maneiras diferentes de conhecê-las” (Maffesoli, 2010, p. 36). De acordo com Silva (2012), a proposta da sociologia compreensiva é ser um discurso do social, na qual o pesquisador apresenta-se como um mediador que faz falar o social, sem necessariamente querer explicá-lo.

O trabalho a ser desenvolvido a partir destes resultados iniciais propõe uma investigação posterior sobre o objeto citado para avaliar se existe uma contribuição do mesmo no sentido de disseminar uma imagem “desromantizada” da maternidade no cenário contemporâneo. A proposta para averiguar esta premissa é a análise do conteúdo abordado pelos vídeos mais acessados do canal no Hel Mother, avaliação da forma como os temas são apresentados (o relato em primeira pessoa, a linguagem, o discurso, os recursos de edição, etc), assim como repercussão dos comentários registrados.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Sob a perspectiva dos conceitos referentes aos estudos do Imaginário, pretendemos, ainda, pesquisar de que forma esta e outras produções contribuem para uma nova representação da expressão da maternidade, avaliando se há uma nova corrente em formação sobre o tema ou se constituem apenas em vozes dissonantes a respeito da visão hegemônica sobre o assunto.

Destacamos que o objeto em questão não apresenta contribuições de forma isolada. Acreditamos que, assim como este exemplo, há outras produções com viés semelhante colaborando para esse processo de desconstrução do imaginário tradicional sobre as mães. Percebemos que existe um contexto mais amplo, uma polifonia discursiva, um movimento de mulheres ocupando diferentes espaços para expor suas angústias sobre o ser mãe, apresentando suas próprias versões, que vão na contramão da visão tradicional da maternidade. A intenção é, em outros momentos, trazer novas contribuições acerca destas perspectivas.

Referências

BADINTER, E. O Conflito – A mulher e a mãe. 2011. Rio de Janeiro (RJ): Record, 224 p.

BADINTER, E. 1985. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 372 p.

BEAUVOIR, S. 1970. O Segundo sexo. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 309 p.

BURGESS, J., GREEN, J. 2009. YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo, Aleph, 240 p.

CASTELLS, Manuel. 2003. A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 243 p.

CORREIO BRAZILIENSE. Canal Hel Mother discute de forma bem humorada a rotina de mães. Disponível em <http://bit.ly/2hxC4Tp>. Acesso em: 26 set. 2017.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

DURAND, Gilbert. 1998. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro, Difel, 128 p.

JENKINS, Henry. 2009. Cultura da convergência. São Paulo, Aleph, 432 p.

FRIEDAN, Betty. 1971. Mística feminina. Petrópolis, Vozes, 325 p.

LANGE, Patricia. The vulnerable video blogger: promoting social change through intimacy. Disponível em: < <http://goo.gl/haHK5I>>. Acesso em: 18 set. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. 2000. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. São Paulo, Companhia das Letras, 344 p.

MAFFESOLI, Michel. 2010. O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre, Sulina, 295 p.

MAFFESOLI, Michel. 2010. Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 297 p.

REVISTA TRIP. Maternidade sem caô: 'Quando você desromantiza a maternidade, apoia uma mãe no mundo. Isso é muito importante, as mães precisam ser acolhidas'. Disponível em <https://bit.ly/2x5PHV8>. Acesso em 21 mai. 2018.

SABARENSE, Bruna. Metrôpoles. Brasiliense Hel Mother está na lista dos influenciadores digitais 2016. Disponível em <http://bit.ly/2wi263q>. Acesso em: 26 set. 2017.

SILVA, Juremir. 2012. As tecnologias do imaginário. Porto Alegre, Sulina, 111 p.

SILVA, Juremir Machado da. 2017. Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre, Sulina, 175 p.

SILVA, Juremir. 2001. O imaginário é uma realidade? Revista Famecos. 8 (15):74-82.